

BEM-ESTAR NA UNIVERSIDADE: RELAÇÕES DE DESEMPENHO, ESTRESSE E USO DE PSICOTRÓPICOS ENTRE ESTUDANTES DA GRADUAÇÃO

Tereza Bruno De Faria Espadeiro*

WELL – BEING AT THE UNIVERSITY: RELATIONS BETWEEN PERFORMANCE, STRESS AND PSYCHOTROPICS USE

Resumo

Na sociedade pós-moderna, a noção de felicidade assume novas formas, as quais estão atreladas a diversos fatores, dentre os quais a realização acadêmica se faz presente segundo a opinião de sujeitos brasileiros, universitários ou não. De acordo com estudos recentes, o desempenho acadêmico se mostra como uma das maiores preocupações dos estudantes. Os principais fatores geradores de estresse para esses são: anseio de falhar em tarefas específicas e decisões relativas à carreira. Nota-se ainda que, além do meio universitário, outras situações indutoras de estresse são: familiares e financeiras. Por outro lado, observa-se que o uso de drogas tem grande nicho na universidade, contudo, seu uso pode estar associado tanto para fins recreativos, como também terapêuticos (alívio do sofrimento e do estresse). O conjunto dos problemas da

pesquisa gira em torno de três eixos principais: “felicidade ou bem-estar subjetivo”, “relações de desempenho e competição”, “estresse, sofrimento e o uso de substâncias psicoativas”. O objetivo geral foi compreender a relação entre felicidade e sucesso acadêmico, e, igualmente, como o uso de psicotrópicos pode ser relacionado com a busca do alívio do estresse e do sofrimento pelos estudantes de graduação. O local selecionado para a realização do estudo foi o campus Recife da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tendo como foco os alunos de graduação de cursos presenciais.

Bem-estar. Desempenho. Estresse. Uso de psicotrópicos.

* Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco com dupla titulação pela Universität Hamburg (Alemanha). Atualmente cursa o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pernambuco e é membro do NUCEM - Núcleo de Cidadania, Exclusão e Processos de Mudança. Possui interesse nas seguintes áreas: Sociologia da Saúde e consumo de psicotrópicos. Email: terezaespadeiro@gmail.com

BEM-ESTAR NA UNIVERSIDADE:

Abstract

At the post-modern society, the happiness notion assumes new formats, in which a lot of factors are connected. According to recent studies, the academic achievement shows itself as one of the greatest worries of the students. The main factors that generate stress for them are fear of failing on specific tasks and decision-making about their career. Furthermore, beyond the academic environment, other situations can act as stress inductors, for example family and finances. On the other hand, it's observed that drug use has a big niche at the university, and its use can be associated not only to recreative, but also to therapeutic uses (stress and suffering relief). This research's problems revolve around three main points: "happiness and subjective well-being", "competition and performance relations" and "stress, suffering and psychoactive drugs use". The main objective is to understand the relation between happiness and academic success and how the psychotropics use can be related to the seek for stress and suffering relief among graduation students. The place of choice to do this study was the University of Pernambuco's campus, and the focus was on the graduation students of the presential courses.

Well-Being. Performance. Stress. Psychotropics Use.

INTRODUÇÃO

Tida como um comportamento contínuo, a felicidade pode ser pensada como bem-estar subjetivo, definido como "avaliação atual do indivíduo de sua felicidade" (SCHWARZ & STRACK, 1999, p. 1). No contexto atual, o indivíduo se vê em uma busca pelos seus objetivos particulares (GIANNETTI, 2002). Em decorrência, a concepção de felicidade se liga à questão da autonomia. Observa-se ainda que a ideia de felicidade relaciona-se ao ideal de "progresso", especificamente, o econômico.

Na contemporaneidade, o indivíduo é visto como sujeito do seu próprio destino, ou seja, responsável pelo seu sucesso ou fracasso pessoal. Portanto, sendo o indivíduo responsável por seu sucesso profissional, a exclusão e a falha no trabalho têm significado de deficiência e fracasso pessoal (LYPOVETSKY, 1994; LAYARD, 2006).

Há, portanto, uma pressão exercida pelo ideal de desenvolvimento pessoal sobre as formas de perceber e julgar nossas vidas. (LYPOVETSKY, 1994). Estudos indicam que a realização acadêmica faz parte das condições importantes para a felicidade, na opinião de sujeitos brasileiros, universitários, ou não, sendo a educação considerada um problema preocupante (COLETA; COLETA, 2006). Se sucesso depende de um bom desempenho nas competências necessárias, o desempenho acadêmico pode ser definido como "comportamento orientado por atividades que permite que a performance do indivíduo possa ser avaliada de acordo com algum critério imposto interna ou externamente ou que, de outra forma, envolve algum padrão de excelência" (SPENCE, 1983).

Ao perpassar sobre essa questão, é interessante refletir de qual forma é pensada o sistema educacional em uma sociedade de consumo e de mercado. Como aponta Gaulejac (2007) esta é posta a serviço da própria economia. E no campo da educação, onde se há uma maior pressão do que seria uma “ideologia gerencialista”, a qual possui como seus termos principais: pragmatismo, qualificação, tolerância zero, gestão de proximidade. Portanto, encontra-se aqui todos os elementos da teoria de capital humano. (GAULEJAC, 2007) Nesse sentido, o sistema educativo deve produzir, segundo essa perspectiva, alunos adaptados ao mercado de trabalho e as necessidades da economia. Portanto, em uma sociedade do mercado os alunos devem assimilar os princípios da “ideologia gerencialista.” (GAULEJAC, 2007). Essa ideologia gerencialista diz respeito a produção de indivíduos autônomos e responsáveis pelo gerenciamento de sua própria vida e carreira.

Investigações apontam que o desempenho acadêmico se apresenta dentre as preocupações centrais dos estudantes. São percebidos nessas investigações como principais fatores de estresse: exames na universidade, anseio de falhar em tarefas específicas e decisões relativas à carreira (BENJAMIN, 1987). As situações indutoras de estresse percebidas em estudantes, foram caracterizadas em acadêmicas, financeiras, relacionadas com a gestão do tempo ou com a saúde auto imposta (GOODMAN, 1993; MISRA & MCKEAN, 2000)

Por outro lado, o uso de drogas tem grande nicho dentro da universidade, podendo ter fim recreativo, assim como ferramenta para o alívio do estresse ou sofrimento. Dentre as drogas mais utilizadas pelos estudantes universitários dentro do ambiente da universidade, apresentam-se o álcool e a maconha (ESPADEIRO, 2017) . Além das demandas acadêmicas, outros elementos se fazem importantes na vida de nós, estudantes da UFPE, sendo estes: a questão financeira, a família, as amizades, o emprego etc. Tais elementos por vezes se tornam possíveis fatores estressores e de sofrimento nas vidas dos estudantes. Por outro lado, o uso de substâncias psicoativas também é observado nesse universo. Alguns alunos utilizam de certas substâncias lícitas e ilícitas para obter um maior desempenho e conseguir acompanhar as demandas do meio acadêmico. Todavia, o uso de substâncias psicoativas também aparecem como um meio de recreação, ou como um caminho de fuga do estresse e sofrimento.

Procedimentos metodológicos

O local selecionado para a realização do estudo foi o campus Recife da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tendo como foco os alunos de graduação de cursos presenciais. No que se refere à coleta de dados empíricos, foi utilizado um questionário com questões fechadas. A unidade amostral primária foi a turma de alunos (com um mínimo de 20 alunos matriculados) de cada um dos seis cursos selecionados, em razão da alta, média e baixa demanda no vestibular (média da concorrência dos vestibulares realizados entre 2005 e 2011). Os cursos que constituíram mostra dessa pesquisa foram: Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Engenharia Civil, Engenharia Cartográfica, Farmácia, Nutrição e Serviço Social. Foi escolhida uma turma por curso (excluindo-se as turmas dos primeiros períodos ou ciclo geral dos cursos) e todos os alunos da turma foram solicitados a responder. Considera-se “turma” a combinação de classe e componente curricular obrigatório para o perfil do curso, oferecido em um determinado período do curso.

Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 12 estudantes de graduação escolhidos entre os alunos dos cursos que compuseram a amostra, buscando um aprofundamento sobre a percepção dos estudantes sobre temáticas trabalhadas pelo projeto. Para a seleção dos alunos entrevistados foi utilizada a técnica de amostragem identificada como “Bola de Neve”, que utiliza uma cadeia de referências, uma espécie de rede social. Essa técnica é uma forma de amostra utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais indicam novos participantes, que por sua vez indicam outros novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. A técnica de análise de dados utilizada no tratamento das respostas fornecidas pelos estudantes foi a análise de conteúdo temática, tal como proposta por Bardin (1998).

Análise dos resultados

Neste tópico, pretende-se analisar os resultados referentes aos dados quantitativos e qualitativos coletados, a fim de responder nosso problema de pesquisa e

objetivos. No caso, investigar a percepção dos estudantes acerca da felicidade e sua relação com sucesso acadêmico, o qual por sua vez estaria associado à ideia de progresso econômico e profissional. Por outro lado, é também dado como objetivo investigar de que maneira os fatores estressores presentes na vida universitária afetam os estudantes e o seu bem-estar, assim como compreender de que maneira isso pode estar associado com o uso de psicotrópicos para a fuga do estresse e sofrimento.

Em um primeiro momento foi realizada a análise dos dados quantitativos referentes aos questionários aplicados. Para isso, foram manipuladas as principais variáveis que constituem o questionário, a partir da realização de frequências simples no software SPSS. Posteriormente a manipulação das variáveis, foram elaboradas tabelas cruzadas para a orientação da análise. Na etapa seguinte, foi feita análise de conteúdo das respostas fornecidas

pelos estudantes nas entrevistas semiestruturadas. Neste sentido, a análise buscou responder às questões que nortearam a pesquisa, realizando possíveis inferências.

Para isso, foram-se elencados eixos de análise diferentes, os quais buscavam responder os objetivos de pesquisa. Os três eixos trabalhados foram: 1. Noção de Felicidade e bem-estar, satisfação com o curso e desempenho acadêmico; 2. Estresse e competição no meio universitário; 3. Uso de psicotrópicos pelos estudantes da graduação.

Inicialmente será apresentada uma caracterização dos estudantes que participaram pesquisa, seguida da análise dos resultados por eixo de análise.

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica dos estudantes de graduação por curso, em números percentuais.

Cursos por nível de demanda no vestibular	Alta Demanda (n. 44)	Média Demanda (n. 110)	Baixa Demanda (n. 83)
	100%	100%	100%
Dados sociodemográficos			

BEM-ESTAR NA UNIVERSIDADE:

Sexo			
• Homens	18,2	43,6	36,5
• Mulheres	81,8	56,4	63,5
Faixa Etária			
◦ 18 a 23 anos	68,3	78,2	56,5
◦ 24 a 29 anos	13,6	6,4	16,5
◦ 30 anos e mais	18,1	2,7	7,1
Raça/Cor com a qual se identifica			
• Branco	47,7	40,9	30,6
• Preto	9,1	12,7	18,9
• Pardo	38,6	39,1	44,7
• Amarelo / Indígena	4,6	7,3	5,9
Situação Conjugal			
• Solteiro(a)	93,0	92,7	86,9
• Casado(a)/vive junto	7,0	7,3	13,1
Renda média mensal familiar			
• Classe A (acima de 20 SM)	9,1	4,5	3,5
• Classe B (entre 10 e 20 SM)	9,1	9,1	4,7
• Classe C (entre 4 e 10 SM)	13,6	24,5	23,5
• Classe D (entre 2 e 4 SM)	18,2	16,4	31,8
• Classe E (até 2 SM)	50,0	45,5	36,5

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2016

O quadro 1 apresenta os perfil dos 12 estudantes que responderam às entrevistas, cujas características são similares aos estudantes que compuseram a amostra do estudo quantitativo no que diz respeito ao sexo, idade e situação conjugal. Quanto à religião, dois estudantes se dizem “católicos não praticantes”, um é evangélico e outra é afiliada ao espiritismo. Os demais não tem religião ou não informaram. Do total de alunos, apenas dois ingressaram por cota. A maioria deles está vinculada a cursos de média concorrência.

Quadro 1. Perfil dos(as) estudantes participantes das entrevistas

Participantes	Sexo	Idade	Religião	Situação Conjugal	Se é cotista	Demanda do curso
Entrevistada 1	Feminino	19 anos	Sem Religião	NI	Não	Média
Entrevistada 2	Feminino	20 anos	Católica não praticante	Solteira	Não	Média
Entrevistada 3	Feminino	22 anos	Ateia	Solteira	Não	Média
Entrevistada 4	Feminino	22 anos	Espírita	NI	Não	Média
Entrevistada 5	Feminino	22 anos	Católica não praticante	Solteira	Sim	Alta
Entrevistado 6	Masculino	23 anos	Evangélico	Solteiro	Não	Alta
Entrevistada 7	Feminino	26 anos	NI	Solteira	Não	Média
Entrevistado 8	Masculino	22 anos	NI	Solteiro	Sim	Média
Entrevistada 9	Feminino	18 anos	NI	Solteira	NI	Média
Entrevistada 10	Feminino	21 anos	Sem Religião	Solteira	Não	Baixa
Entrevistada 11	Feminino	19 anos	Sem Religião	Solteira	Não	Baixa
Entrevistado 12	Masculino	22 anos	Sem Religião	Solteiro	Não	Baixa

4.2. Noção de felicidade e bem-estar, satisfação com o curso e desempenho acadêmico

O objetivo principal deste eixo de questões foi investigar a percepção de felicidade e bem-estar, identificando quais são requisitos essenciais para o alcance da felicidade e bem-estar, segundo os estudantes da graduação. Por outro lado, procurou-se identificar também quais seriam os possíveis impedimentos para a conquista desses. Dentre os doze alunos entrevistados, foram obtidas diferentes respostas em relação às questões, as quais essa pesquisa se propôs abordar.

Ao observarmos a tabela 2, notamos que, de modo geral, existem mais alunos que se dizem satisfeitos com seus cursos de graduação do que insatisfeitos. Mas, são

BEM-ESTAR NA UNIVERSIDADE:

principalmente os alunos matriculados em cursos de alta demanda os que se consideram muito ou muitíssimo satisfeitos, somando um percentual total de 77, 3%. A partir dos dados apresentados acima, é possível realizar algumas inferências. Nota-se que a maioria dos alunos se dizem estar muito satisfeitos ou satisfeitos com seu curso. Todavia, há uma considerável parcela de alunos que já consideraram a possibilidade de trancamento ou abandono de curso, apresentando os percentuais de 31,4% para alta concorrência, 41,3% para média e 52,4 para baixa.

No que se refere ao grau de satisfação com o desempenho acadêmico, os alunos dos cursos de baixa concorrência são os que também se declaram menos satisfeitos, apresentando um percentual total de 23,8% para Insatisfeito/ Muito insatisfeito. Ao se investigar sobre o grau de competitividade nos cursos, 66,0% dos alunos do curso de média concorrência afirmaram seu curso ser muito ou muitíssimo competitivo, seguidos respectivamente pelos alunos dos cursos de baixa e alta concorrência.

A partir desses dados, pode-se refletir sobre a existência entre satisfação com o curso e o nível de desempenho acadêmico, tendo em vista que os alunos que se mostram menos satisfeitos com o curso são os mesmos que se dizem insatisfeitos com o seu desempenho acadêmico no geral.

Tabela 2. Satisfação com o Curso, desempenho acadêmico, competitividade no Curso dos estudantes de graduação por curso, em números percentuais.

Cursos por nível de demanda no vestibular	Alta Demanda (n. 44) 100%	Média Demanda (n. 110) 100%	Baixa Demanda (n. 83) 100%
Grau de satisfação com o curso			
• Muitíssimo	45,5	36,4	23,5
• Muito	31,8	31,8	35,3
• Médio	18,2	20,9	35,3
• Pouco / Nada	4,5	10,9	5,9
Perspectiva de abandono ou trancamento do Curso			
• Nunca pensei em abandoná-lo	65,9	52,8	45,1

• Já pensei em abandonar ou trancar matrícula • Já tranquei matrícula alguma vez	34,1 -	45,4 1,9	52,4 1,9
Desempenho acadêmico no semestre passado			
• Aprovado por média em tudo • Fez prova final, mas foi aprovado em tudo • Foi reprovado/abandonou algumas disciplinas • Foi reprovado em tudo	2,4 66,7 31,0 -	29,4 29,4 41,3 -	31,7 37,8 28,0 2,4
Grau de satisfação com o desempenho acadêmico			
• Muito satisfeito • Satisfeito • Médio • Insatisfeito/Muito Insatisfeito	- 31,8 52,3 15,9	4,5 27,3 47,3 21	6,0 25,0 45,2 23,8
Competição no ambiente acadêmico do curso			
• Muitíssimo • Muito • Médio • Pouco / Nada	11,4 29,5 52,3 6,9	24,8 41,3 30,3 3,7	16,5 28,2 40,0 10,6

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2016

Ao analisar a tabela 3, nota-se que ao serem perguntados sobre a sua satisfação com a qualidade de vida no geral, os alunos dos cursos de média e baixa concorrência são os que mais informam estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos, apresentando os percentuais de 20,9% e 23,8 %, respectivamente. No que concerne a saúde física, os alunos dos cursos de alta concorrência são os que dizem gozar um melhor estado de saúde física, apresentando o percentual de 29,5 %. Ao serem perguntados sobre sua saúde mental, os alunos dos cursos de alta concorrência também são os que apresentam melhores resultados, 29,5 % desses alunos declaram sua saúde mental como ótima, enquanto 16,8 % dos alunos do curso de baixa concorrência declaram como ruim ou péssima.

Sobre nível de felicidade, é possível observar que os alunos do curso de alta concorrência que se dizem estar mais felizes: 38,6% dos alunos se identificam como “muito felizes”, enquanto que o percentual para os alunos dos cursos de média e baixa concorrência é de 15,5% e 11,9 %. Tendo em vista que os alunos dos cursos de média e baixa concorrência são os que se identificam como menos satisfeitos com seu desempenho acadêmico, além de serem os cursos “mais competitivos” é interessante

BEM-ESTAR NA UNIVERSIDADE:

refletir de que forma esses elementos podem estar relacionada com o nível de felicidade, assim como o bem-estar físico e mental dos alunos.

No que concerne a noção de felicidade, para maioria dos entrevistados a noção de felicidade está ligada a uma felicidade subjetiva, individual, “estar feliz consigo mesmo”. Em algumas falas, verifica-se que a percepção de felicidade dos alunos está relacionada também com estabilidade na vida, sobretudo financeira, seu desempenho na universidade e sua realização profissional após o curso, sendo estes elementos essenciais para o “alcance da felicidade”. Nesse sentido, notou-se que os estudantes apresentam uma forte preocupação em relação ao mercado de trabalho e a sua assimilação no mesmo.

Também aparece nas entrevistas, a relação entre “bem-estar” e “sacrifício.” Alguns entrevistados relatam que diversas vezes é necessário abdicar de certas atividades em suas vidas, realizar sacrifícios, em nome das tarefas da universidade, deixando seu bem-estar de lado. Todavia, a ideia de “sacrifício” não é visto como algo negativo é algo gratificante, embora interfira no seu bem-estar.

“Então, eu acho que meu bem-estar às vezes ele fica de lado, né?! Muitas vezes, inclusive. porque as horas que eu tenho são pra estudo e tal, mas eu acho que é um sacrifício que vale a pena, porque é uma coisa que eu to curtindo em fazer, se fosse uma coisa que eu não tivesse, mas tá agradável, então vale a pena o sacrifício.” (Entrevistada 2)

“- Eu acho que é muita prova, uma em cima da outra, muito trabalho, muito texto pra ler e a carga horária não dá. Tipo, eu moro em Olinda e eu pego duas horas e meia pra chegar aqui e o curso começa às 7h. Então, pra eu chegar aqui de manhã, com todas as atividades que são passadas pra gente, eu não tenho carga horária no meu dia pra fazer isso e ter um bem-estar, entendeu?! Eu não durmo direito, então isso é o estresse, é muito puxado. Abdicar de certas atividades pra cumprir com a demanda da universidade.” (Entrevistado 5)

No que se refere ao desempenho acadêmico, alguns elementos aparecem como sendo de grande importância. Por exemplo, tirar notas boas, possuir um bom currículo. Tendo em vista que alunos de determinados cursos têm o anseio de seguir carreira

acadêmica e realizar uma pós-graduação, assim, um bom desempenho durante a graduação se mostra essencial.

Alguns dos entrevistados se identificam como satisfeitos em relação ao seu curso no geral, apesar da existência de determinados problemas dentro do mesmo. Aqui, as causas mais identificadas como problemas são as dificuldades no relacionamento com professores e problemas de sociabilidade com outros alunos. Os alunos relatam que os seus professores são bastante exigentes, e que, portanto, várias vezes eles não conseguem acompanhar o ritmo das aulas. Por outro lado, os entrevistados também falam do reconhecimento e valorização deles enquanto alunos dentro do curso como um elemento importante para seu bem-estar. Todavia, essa valorização e reconhecimento é difícil de ser alcançado e nem sempre ocorre. Abaixo se pode observar pela fala da entrevistada 10:

“Assim, para você ser valorizado dentro do curso você tem que demonstrar um certo comportamento de empenho, você tem que ser aquela pessoa que está empenhada, e mesmo que você seja uma pessoa empenhada, você tem que ser aquela pessoa que consegue absorver certos conteúdos facilmente, porque a maioria dos professores às vezes não tem paciência para explicar uma coisa que você não está conseguindo entender.”

O não alcance do desempenho exigido dentro do curso, e portanto reconhecimento, às vezes é motivo de frustração e desestímulo para os próprios estudantes, os quais se sentem escanteados dentro do meio universitário. Assim, um elemento que se apresenta importante nas falas é a questão do reconhecimento no meio universitário. A entrevistada 10 explica:

“Essa questão do reconhecimento, os professores gostam daqueles alunos que são bem preparados, aqueles que falam em sala de aula, que tem um bom embasamento pra falar. Eles conseguem pegar os textos, eles conseguem captar aquilo ali e às vezes quando você tem dificuldade você começa a ser escanteado, quando você não está conseguindo pegar, mesmo se você tem interesse sobre o assunto, mas você não tá produzindo alguma coisa e você não tá chegando onde deveria ser.”

BEM-ESTAR NA UNIVERSIDADE:

Ou seja, o ambiente universitário aparece também como um ambiente onde se há grande cobrança em relação ao desempenho dos alunos. Essas cobranças quando não alcançadas torna-se indutoras de estresse e ansiedade. O entrevistado número 10 relata:

“Toda minha ansiedade está focada na minha cobrança. Eu tenho que ter certos comportamentos, eu tenho que conseguir certas coisas que vão me validar enquanto a pessoa, que disse que está na academia para estudar. Eu tenho que me destacar sempre. Eu tenho que ser a que vai ser melhor que todo mundo, eu tenho que [...] No colégio mesmo era algo que era pautado, eu tinha que está lá no melhor, eu tinha que ser a aluna laureada porque isso trazia um orgulho, e minha mãe ficava mais calma comigo. Na faculdade é a mesma coisa. Eu não consigo ter tanto na faculdade porque a faculdade cobrou tanto, assim tão pesado, que acabou que eu não consegui pegar o ritmo”.

“É bem doido porque é justamente essa galera que ocupa os melhores cargos, é uma galera que tem as melhores notas. É a galera que tem as bolsas de pesquisa, está na monitoria, está nos grupos de pesquisa e tal. E, tipo, eu particularmente, e posso falar por algumas amigas também e amigos, que a gente conversa, a gente se sente meio que pressionado também. Porque, quer dizer então que: ‘Eu sou menos inteligente, eu sou menos esforçada, ou sou menos isso e aquilo, porque eu não consigo uma monitoria, ou porque não tem nenhum grupo de pesquisa e tal’”. (entrevistada 4)

Ao observar as falas das alunas entrevistadas, é possível inferir que há uma relação existente entre a noção de “sucesso,” “fracasso” e “culpa individual.” Assim, como aponta Gaulejac (2007), na sociedade da cultura da empresa, aqueles indivíduos que não alcançam seus objetivos, são considerados os únicos responsáveis pela sua condição e fracasso. Portanto, os mesmos tendem a considerarem a si mesmo como insuficientes sob a angústia de não estar a altura de um determinado padrão exigido pela sociedade.

No geral, os mesmos alunos entrevistados, ao serem questionados pelas exigências acadêmicas, argumentam que seu curso exige bastante dos estudantes. Isso é um ponto que se repete em todas as falas, sem exceção. Dentre as queixas dos entrevistados, sobressai a pela falta de tempo livre para realização de outras atividades. Nesse sentido, os entrevistados apontam para uma grande dificuldade em conciliar as

exigências dentro da universidade, junto a sua vida para ela, sendo este um fator estressor e de frustração.

Um dos entrevistados, não obstante, também aponta para essa dificuldade, embora para ele seja algo que ele já diz ter se acostumado. Outros, entretanto, apontam que tais exigências acabam sendo transformadas em frustração, sobretudo quando não se consegue alcançar certo objetivo dentro do curso, por exemplo, notas altas, ou alguma bolsa. Isso pode ser observado nas falas transcritas abaixo:

“Eu me sinto mal com essas exigências, porque também existem exigências fora da academia. É como se a academia quisesse que você vivesse cem por cento para ela, pra você conseguir ser uma pessoa boa dentro dela e ter conhecimento daquilo que você quer fazer. Não basta você só gostar, você tem que viver pra aquilo, tá ligada?”(Entrevistado 11)

“Muita gente vive chorando pelo departamento, e casos também de casos de suicídio na universidade, que a gente vê que tem vários fatores, mas que um é o curso também, exclusão social, e por não se encaixar naquele perfil que o curso exige..” (Entrevistado 8)

Neste ponto, pode-se observar outra questão que é unânime entre os entrevistados. O fato de que o meio acadêmico, e as demandas presentes nele, no caso, de professores, do próprio modelo avaliativo da academia, tendem a ignorar os fatores externos a elas.

Todavia, é interessante pontuar que outros fatores também são importantes para a felicidade e o bem-estar dos alunos. Dentre os entrevistados, quando os questionados sobre problemas fora da universidade que atrapalham o curso, nota-se que a família, problemas financeiros, também são fatores que contribuem para o estresse dos alunos e até mesmo são obstáculos para um bom desempenho acadêmico. Um dos entrevistados ao ser perguntada sobre fatores externos que atrapalham seu curso, por exemplo, questões familiares, financeiros. A entrevistada número 10 diz que:

“Todos atrapalham. Na minha casa, minha mãe é aquele negócio, você só pode estudar depois que a casa tiver arrumada. As vezes chego de 22:00 da noite de uma aula e não posso estudar porque tenho que arrumar a casa.”

BEM-ESTAR NA UNIVERSIDADE:

Ainda percebe-se através das análises que aqueles que possuem uma melhor relação com a família, e menos problemas nos demais campos da vida, desfrutam de um melhor bem-estar. Além disso, observa-se um certo padrão na percepção dos alunos em relação à vida universitária. Dentre os alunos entrevistados, no que refere-se a satisfação com o curso, os entrevistados 10 e 12 apontam para uma frustração, um aluno chega a afirmar que se encontra em uma “fase de depressão” no curso, enquanto que outro coloca que apesar de todas as dificuldades pode se considerar satisfeito.

Tabela 3. Saúde física e mental, satisfação com a qualidade de vida e felicidade por curso, em números percentuais.

Cursos por nível de demanda no vestibular	Alta Demanda (n. 44) 100%	Média Demanda (n. 110) 100%	Baixa Demanda (n. 83) 100%
Satisfação com a qualidade de vida em geral			
• Muito satisfeito	25,0	4,5	6,8
• Satisfeito	45,5	27,3	25,0
• Médio	20,5	47,3	45,2
• Insatisfeito / muito insatisfeito	9,1	20,9	23,8
Como descreve a saúde física			
• Ótima	38,6	15,6	11,8
• Boa	31,8	43,1	38,8
• Regular	22,7	33,0	37,6
• Ruim / Péssima	6,8	8,20	10,8
Como descreve a saúde mental			
• Ótima	29,5	20,9	18,1
• Boa	36,4	40,0	26,5
• Regular	29,5	24,5	38,6
• Ruim / péssima	4,5	14,5	16,8
Nível de felicidade			
• Muito infeliz	6,8	7,3	7,1
• Um pouco infeliz	4,5	9,1	7,1
• Nem feliz, nem infeliz	9,1	14,5	20,2
• Feliz	36,4	53,6	53,6
• Muito feliz	38,6	15,5	11,9

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2016

Estresse e competição no meio universitário

A competitividade é um elemento característico da sociedade concorrencial, assim como aponta Ehrenberg (2010). Na contemporaneidade existe um imperativo do sucesso e desempenho, o qual se manifesta de diferentes formas e em diversos campos da vida social. Esse imperativo está presente no campo do trabalho, econômico, da família, das relações com os outros indivíduos etc. Dessa forma, podemos pensar como esse imperativo também é algo presente no meio universitário, tendo em vista que a universidade é um local de preparo para inserção dos indivíduos no mercado de trabalho ou em uma pós-graduação.

Através das entrevistas realizadas, verificou-se pela fala dos estudantes, relações de competitividade no meio universitário, assim como as possíveis consequências dessa competitividade na vida dos mesmos. A maioria dos entrevistados, quando questionados sobre a competição dentro do curso, afirmaram que ela é algo corriqueiro e presente no cotidiano dos estudantes. Todavia, ela se manifesta de diferentes formas e níveis, tanto em uma competição por bolsas acadêmicas, estágios, notas ou mesmo de reconhecimento dentro do curso. Ao se perguntar sobre a percepção da competitividade no seu curso, as falas dos entrevistados mostram o que isso acarreta:

“Então, como eu estava falando, isso para mim é uma briga de cobras, mas o que seria essa briga de cobras? As pessoas, por se exigirem demais e por quererem um espaço no meio acadêmico, um espaço até em um futuro profissional também, elas lhe dão isso desde uma concorrência desleal. O que poderia ser uma concorrência desleal? Porque nem todo mundo vai poder se destacar. Essa briga por notas, por uma competição por lugares acadêmicos, ou profissionais mesmo e tal, isso coloca à tona o pior das pessoas.”(Entrevistado 12)

“A academia também tem um processo de competição que as pessoas elas não ajudam umas às outras porque uma tem que ser melhor que a outra para conseguir o reconhecimento, aí acaba que você não consegue pedir a alguém uma xerox, ou você não consegue pedir a alguém que lhe explique ou lhe ajude, porque aquela pessoa não vai querer que você se dê bem, porque quem tem que se dar bem é ela.” (Entrevistado 10)

BEM-ESTAR NA UNIVERSIDADE:

A entrevistada 7, ao falar sobre as relações no meio universitário, afirma:

“A universidade, principalmente no curso de farmácia que é um dos cursos mais difíceis, como já falei, requer muito de você, dedicação total; aí sempre, sempre é um curso que você paga muitas cadeiras por período e requerem muito de você, e é muito trabalho, é muita prova, que na real, não trazem um aproveitamento acadêmico para o aluno, e essa exigência toda eu acho desnecessária, acho que poderíamos mudar para melhor essas metodologias que são usadas no dia a dia, e que todo mundo visa só ali, nota, sabe?”

Dentre participantes, os entrevistados 10 e 12 afirmaram se sentirem muito mal com a competição dentro do curso, sobretudo devido ao fato de muitas vezes não conseguir dar conta das demandas. Um aluno relatou que “Às vezes me sinto meio impotente, pela relação de poder que o outro exerce sobre mim.” Ao ser perguntado como ele lida com isso – responde: “Tomo remédio”

Nesse sentido, as demandas acadêmicas e a competitividade aparecem como um dos fatores indutores do estresse nos estudantes, junto a questões como problemas financeiros e com a família. No que se refere ao ambiente do curso, alunos chamam atenção para um ambiente algumas vezes hostil, sobretudo em épocas de avaliação. Dentre os alunos que se sentem mal, os motivos apontados são os mesmos; uma alta demanda de cobranças acadêmicas no curso, a competitividade no ambiente acadêmico, as avaliações das disciplinas.

Ao observar a tabela 4, nota-se que nos três cursos no geral, uma parcela representativa dos alunos, ao serem perguntado sobre sentimentos de inquietação, agitação e nervosismo, identificam-se como “muito/muitíssimo.” No caso, o curso de alta concorrência apresenta um percentual de 43,2 % para muito/muitíssimo, seguido por 41,9 % do curso de média concorrência, e 41,2 % do curso de baixa concorrência.

Com relação aos sentimentos de raiva e hostilidade, o curso de baixa concorrência apresenta o maior número de alunos que dizem compartilhar muito/muitíssimo desses sentimentos, tendo um percentual de 22,7 % seguido de 19,1 do curso de média concorrência. Ao serem perguntados sobre sua capacidade de relaxar e curtir a vida, os mesmos dois cursos foram os que mostraram os maiores percentuais de alunos que disseram ter pouca/nenhuma capacidade, apresentando um percentual de 19,1 % para o curso de média concorrência e 17,6 % para o curso de baixa concorrência.

Por fim, em relação ao otimismo quanto ao futuro, 20 % dos alunos do curso de baixa concorrência dizem ter pouco ou nenhum otimismo em relação ao futuro.

A entrevistada 9 afirma que já chegou a procurar ajuda de um profissional de saúde devido às crises de ansiedade que ela desenvolveu na universidade e que, segundo ela, estão associadas às demandas do curso que lhe trazem um alto nível de estresse. No discurso dessa aluna, observa-se uma dicotomia, embora ela goste muito do curso, ela se diz estar muito cansada, pressionada, e estressada com o mesmo.

“Frustração é o tempo todo, porque é um curso muito complexo e ele é bem pesado, eu estou pagando oito cadeiras, e paguei até mais antes. Mas a complexidade ficou muito maior, estou no terceiro período, estou constantemente dormindo menos, eu tive que ir até a psicóloga, pois eu estava começando um início de ansiedade. Eu acho que estou me sentindo muito pressionada, mais assim, com o tempo, acho que consigo organizar isso.”

A mesma aluna relata que certas vezes não conseguiu realizar provas devido ao estresse, tal relato também é presente na fala de outros alunos.

Tabela 4. Nível de estresse por curso em números percentuais.

Cursos por nível de demanda no vestibular	Alta Demanda (n. 44)	Média Demanda (n. 110)	Baixa Demanda (n. 83)
	100%	100%	100%
Inquietação, agitação ou nervosismo	11,4	15,5	14,1
• Muitíssimo	31,8	26,4	27,1
• Muito	29,5	30,9	40,0
• Médio	22,7	22,7	14,1
• Pouco	4,5	4,5	4,7
• Não ou nada			
Sentimentos de raiva ou hostilidade	4,5	3,6	4,8
• Muitíssimo	11,4	15,5	17,9
• Muito	22,7	21,8	25,0
• Médio	43,2	50,0	42,9
• Pouco	18,2	9,1	9,5
• Não ou nada			

BEM-ESTAR NA UNIVERSIDADE:

Capacidade de relaxar e curtir a vida			
• Muitíssimo	34,1	28,4	20,0
• Muito	31,8	28,4	35,3
• Médio	22,7	23,9	27,1
• Pouco ou nenhuma	11,4	19,1	17,6
Otimismo em relação ao futuro			
• Muitíssimo	38,6	27,3	17,6
• Muito	31,8	35,5	25,9
• Médio	22,7	26,4	36,5
• Pouco ou nenhum	6,8	10,9	20,0

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2016

Uso de psicotrópicos pelos estudantes da graduação

Como apontado anteriormente, o uso de substâncias lícitas e ilícitas é algo recorrente no meio universitário. No entanto, é possível observar diferentes padrões de uso, podendo essas substâncias serem consumidas dentro do ambiente universitário ou não. Além disso, o seu próprio consumo varia de acordo com o perfil do usuário e o contexto social que o mesmo está inserido. Nessa eixo da pesquisa, buscou-se investigar os principais padrões de uso de substâncias lícitas e ilícitas pelos estudantes, assim como, de que forma esse uso pode estar relacionado com uma fuga do estresse.

Ao observar os dados sobre os psicotrópicos experimentados pelos estudantes antes e depois do ingresso na Universidade (tabela 5), observa-se que, em todos os cursos, a maioria dos alunos que experimentarem as respectivas substâncias anteriormente a sua entrada na universidade. Contudo, os estudantes dos cursos de baixa demanda são os que informam ter feito uso de um maior número de substâncias.

Tabela 5. Psicotrópicos experimentados pelos estudantes antes e depois de entrar na Universidade, em números percentuais.

Cursos por nível de demanda no vestibular	Alta Demanda	Média Demanda	Baixa Demanda
	(n. 44)	(n. 110)	(n. 83)
Uso de psicotrópicos antes e depois de ingressar			

na universidade	100%	100%	100%
Bebida Alcoólica			
• Antes de ingressar na Universidade	79,5	77,3	84,7
• Depois de ingressar na Universidade	9,1	10,0	16,5
Maconha			
• Antes de ingressar na Universidade	25,0	14,5	48,2
• Depois de ingressar na Universidade	2,3	6,4	10,6
Cocaína			
• Antes de ingressar na Universidade	2,3	1,8	20,0
• Depois de ingressar na Universidade	2,3	-	9,4
Tranquilizantes/Ansiolíticos			
• Antes de ingressar na Universidade	9,1	12,7	21,2
• Depois de ingressar na Universidade	-	2,7	11,8
Ritalina®/ Concerta®			
• Antes de ingressar na Universidade	4,5	1,8	7,1
• Depois de ingressar na Universidade	-	-	3,5
Anfetamínicos			
• Antes de ingressar na Universidade	4,5	0,9	9,4
• Depois de ingressar na Universidade	-	1,8	1,2
Inalantes / Solventes			
• Antes de ingressar na Universidade	6,8	7,3	24,7
• Depois de ingressar na Universidade	-	1,8	4,7
Drogas Sintéticas			
• Antes de ingressar na Universidade	4,5	3,6	16,5
• Depois de ingressar na Universidade	-	0,9	5,9
Êxtase (MDMA)			
• Antes de ingressar na Universidade	11,4	2,7	16,5
• Depois de ingressar na Universidade	-	1,8	5,9
Alucinógenos			
• Antes de ingressar na Universidade	13,6	5,5	25,9
• Depois de ingressar na Universidade	4,5	2,7	11,8
Analgésicos e Opiáceos			
• Antes de ingressar na Universidade	4,5	8,2	18,8
• Depois de ingressar na Universidade	-	-	5,9

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2016

BEM-ESTAR NA UNIVERSIDADE:

Na tabela 6 podemos observar os dados referentes à frequência de uso de substâncias psicoativas pelos estudantes da graduação. É possível notar que a substância mais consumida em todos os grupos é a bebida alcoólica, seguida pela maconha. Ainda assim, percebe-se que os alunos dos cursos de baixa demanda são os que realizam o uso substâncias psicoativas, no geral, com maior frequência.

Tabela 6. Distribuição percentual dos estudantes quanto à frequência no uso de psicotrópicos nos últimos 30 dias e uso pelo menos uma vez nos últimos três meses e 12 meses

Cursos por nível de demanda no vestibular	Alta Demanda (n. 44)	Média Demanda (n. 110)	Baixa Demanda (n. 83)
Frequência no uso de Psicotrópicos	100%	100%	100%
Bebida Alcoólica			
• Nos últimos 30 dias	29,5	30,0	49,4
• Nos últimos 3 meses	20,5	15,5	16,5
• Nos últimos 12 meses	20,5	12,7	3,5
Total	70,5	58,2	69,4
Maconha/Haxixe/Kunk			
• Nos últimos 30 dias	9,1	5,5	33,0
• Nos últimos 3 meses	9,1	2,7	8,2
• Nos últimos 12 meses	2,3	5,5	3,5
Total	20,5	13,6	44,7
Alucinógenos (LSD, DOCE, mescalina, etc)			
• Nos últimos 30 dias	4,5	-	7,1
• Nos últimos 3 meses	-	2,7	14,1
• Nos últimos 12 meses	6,8	-	1,2
Total	11,4	2,7	22,4
Tranquilizantes/ Ansiolíticos.			
• Nos últimos 30 dias	-	3,6	2,4
• Nos últimos 3 meses	2,3	0,9	3,5
• Nos últimos 12 meses	6,8	3,6	10,6
Total	9,1	8,2	16,5

Fonte: Pesquisa de Campo – 2015/2016

Ao se analisar as falas obtidas nas entrevistas, nota-se que todos alunos informam já ter feito ou ainda fazerem uso do álcool, sendo essa a droga mais usada pelos estudantes, seguida pela maconha. A maioria dos alunos relata fazer uso da substância dentro da própria universidade, com amigos, em calouradas, ou em bares nos arredores do Campus. A entrevistada número 10 falar sobre o seu uso relata:

“Eu uso mais na universidade, pelo fato de eu passar o dia inteiro na universidade. Em casa eu não posso, mas sempre que eu tenho oportunidade eu prefiro usar porque eu preciso aguentar um certo estresse dentro de casa, e de certa forma isso me ajuda a ficar mais calma, a não responder, a não pegar briga, a simplesmente ajudar e em momentos de diversão também..”

Por outro lado, observou-se ainda que há diferentes tipos e motivações de uso de substâncias psicoativas pelos estudantes da graduação da UFPE entrevistados. Dentre os quais, verificou-se o uso com fins recreativos, terapêuticos, incrementação das capacidades cognitivas, ou ainda como ferramenta para fuga do estresse. A entrevistada 1 nos relata que para ela, o uso de substâncias psicoativas está mais relacionado a fins recreativos, de sociabilidade e para um aumento do seu bem-estar, isso pode ser percebido pela sua fala:

“Assim, de natureza eu sou muito comunicativa, eu falo muito, muito mesmo. É necessidade minha já fazer amizade e falar muito. E quando eu uso isso me dá muito mais vontade de fazer isso. Eu me sinto melhor, meu bem-estar vai a mil e eu fico, assim, eu me sinto melhor, é como se eu me adequasse a festa, é como se eu numa conexão com a festa mesmo, entendesse o real motivo de estar na festa. Teve uma época que eu até tentei ir nessas festas, assim, sem usar nada, mas é diferente, o sentido da festa até muda um pouco, assim, é como se tudo fosse um conjunto, pelo menos pra mim. Então é por um bem-estar mesmo, por fazer amizade, por uma questão de fala, por uma questão de tudo, assim, é uma coisa que realmente me faz bem, assim, nas festas.”

Ao ser questionado sobre o porquê de utilizar determinadas substâncias, o aluno número 11 responde que: “Para esquecer a vida, os problemas, às vezes o que a gente passa dentro de casa.”

BEM-ESTAR NA UNIVERSIDADE:

A maconha aparece entre os estudantes como a segunda droga mais utilizada, alguns dizem fumá-la apenas por recreação ou socialização com os amigos. Por outro lado, alguns alunos a usam como um instrumento para se acalmar e conseguir um maior bem-estar. Como se pode observar na fala do entrevistado 8:

“Eu acho que o se inclui mais nisso que tu falou é o uso da maconha, sabe? Que eu uso mais para desestressar. Tipo, estou querendo relaxar agora, vou usar, assim. Não é nada que eu use como medicamento. Ah, eu estou dependente disso, estou precisando.”

Além disso, é possível observar o uso de outras substâncias pelos estudantes, no meio universitário. A entrevistada 7 relata a sua primeira experiência de uso, a qual ocorreu dentro do CAMPUS da UFPE:

“A primeira vez que tomei doce foi no dia de uma prova, eu não tinha estudado por vários fatores domésticos, que eu te falei e tal. Eu estava muito na merda, também, e meu namorado perguntou: - Tas a fim de relaxar? Ai, eu:- Estou [...] Eu chorei pra caralho, eu tenho um vídeo gravado, ele filmou, aquele peste, eu chorei horrores, eu pensava que minha alma ia sair pelos lábios, eu chorei, chorei, aí depois vem aquela sensação fantástica, né?”.

No que concerne ao uso de medicamentos como tratamento terapêutico, os entrevistados 2, 5, 10 e 12 relataram que já fizeram uso de determinadas substâncias para lidar com o sofrimento e estresse presentes em suas vidas.

“Eu tomo um ansiolítico, fluoxetina. É pra ansiedade, para me acalmar mais, até pela minha rotina. Já tive crises depressivas e tal. Nunca mais eu tive, mas assim, é só pela minha rotina mesmo. Fluoxetina às vezes nem precisa de receita médica, dá pra comprar sem nada. É mais pra me acalmar mesmo, ele não me faz nenhum mal.” (entrevistado 4)

Quando questionados sobre os possíveis fatores indutores do estresse e sofrimento em suas vidas, eles argumentam que o estresse e sofrimento também estaria relacionado com a universidade. Os mesmos alunos também realizaram o uso desses medicamentos apenas como meio de lazer, ou de alcançar um bem-estar.“

“Não, era mais para lombrar mesmo. Quando eu estava de baixa. Eu não curtia muito não, nem quando eu tava fazendo tratamento psiquiátrico eu gostava do uso de psicofármacos, foi quando eu conversei com minha psiquiatra sobre isso e ela diminuiu minha dosagem e disse pra eu fumar mais maconha que meu problema era que eu não ficava de boa.” (Entrevistada 12)

“Já tomei diazepam, quando estava muito estressada e eu queria muito dormir, dormir muito. É um sono muito pesado.” (Entrevistada 5)

Os alunos 2, 10, e 12 relatam também que já fizeram o uso dessas substâncias por automedicação. A entrevistada número 10 relata: “Já, já teve algumas vezes que já me mediquei quando eu tava em surto psicológico, várias vezes, eu procurei Rivotril e tomei.” O entrevistado 12 diz que lida com o estresse se automedicando com Rivotril. O mesmo informou já ter feito um uso intensivo de anfetaminas, como no caso da cocaína para aumentar suas capacidades cognitivas, e portanto seu desempenho acadêmico ou esticar festas. Entre as drogas que ele relata ter utilizado estão: Álcool, Maconha, Rivotril, Diazepam, Lsd, Ecstasy, Cocaína e Ritalina.

“Já usei álcool, cigarro, maconha, LSD, êxtase, craque. É sério, uma vez só, não me julgue em relação a isso. Já usei cocaína, muita cocaína, Ritalina, Rivotril. Já usei alguns ‘pães’ remédios que terminam em pães, Diazepam, Clonazepam.” (Entrevistado 12)

“Já tomei Diazepam, quando estava muito estressada e eu queria muito dormir, dormir muito. É um sono muito pesado.” (entrevistada 5)

As entrevistadas 9 e 11 entrevistaram afirmaram terem buscado Ritalina com amigos do curso, mas desistiram posteriormente. Em ambos os casos, os alunos buscavam a droga para ter um maior desempenho de suas capacidades cognitivas. Um dos entrevistados relata o seguinte:

“Eu estava em um momento de instabilidade emocional, e eu não estava conseguindo estudar. Eu não estava conseguindo dar conta e eu ia ter uma prova super pesada, com muito conteúdo, e eu tenho uma amiga que tem déficit de atenção. Eu pedi a ela, mas eu não tive coragem de tomar porque é um remédio tarja preta, e eu achei que aquilo não me faria bem.” (Entrevistada 11)

BEM-ESTAR NA UNIVERSIDADE:

Em razão do que se foi analisado acima, pode-se realizar algumas observações acerca dos resultados obtidos. Verificou-se pelos dados quantitativos diferentes padrões de uso de substâncias pelos estudantes, assim como nas entrevistas qualitativas. Assim como a pesquisa buscava investigar, verificou-se através das falas dos estudantes, o uso de psicoativos como uma ferramenta química para lidar com “problemas da vida”, sendo esse uso terapêutico ou não. Contudo, notou-se também que esses problemas não se restringem ao meio universitário, mas também são influenciados por questões familiares, financeiras, etc.

Além disso, os dados trouxeram valiosas contribuições, ao apontar para outras formas de uso, como, por exemplo, para fins recreativos, como ferramenta para aumentar a sociabilidade, ou para incrementar as capacidades cognitivas. Nesse sentido, esse estudo exploratório contribuiu não apenas em apontar as diferentes formas de uso, mas também por trazer a luz as possíveis motivações dos estudantes ao utilizarem tais substâncias. Nesse sentido, a pesquisa aqui realizada aponta para novas questões que podem ser trabalhadas mais profundamente em trabalhos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da coleta de dados quantitativos e qualitativos, o estudo conseguiu levantar informações valiosas acerca do tema. A parte quantitativa da pesquisa contribuiu para a análise de um panorama mais amplo em relação à amostra estudada. Por sua vez, a qualitativa permitiu um aprofundamento nas questões que a pesquisa buscou investigar, proporcionando um maior alcance das questões subjetivas, abarcando as motivações e significados pelo ponto de vista dos estudantes.

Em linhas gerais, observou-se que, para maioria dos estudantes entrevistados, a noção de felicidade é bastante relacionada à ideia de questões individuais e subjetivas, envolvendo sobretudo a noção de autonomia. Esta, por sua vez, é relacionada à ideia de independência, podendo ser financeira, emocional etc. Nesse sentido, a noção de felicidade “geral” assume o papel de “estar feliz consigo mesmo” de acordo com o ponto de vista dos estudantes.

Por outro lado, é possível inferir que há uma relação entre felicidade e satisfação com o seu curso. Em geral, os alunos que se dizem satisfeitos com seu curso também são aqueles que se dizem mais felizes com sua vida no geral. Embora a grande maioria dos alunos digam estar satisfeitos com seus cursos, nota-se que os alunos dos cursos de média e baixa concorrência afirmam estar menos satisfeitos com os seus respectivos cursos, em relação aos alunos de alta demanda. Nesse sentido, infere-se que essa relação pode estar associada com questões de insatisfação envolvendo valorização e reconhecimento do curso no mercado de trabalho, pela família, ou ainda do prestígio social de cada curso.

Outro elemento interessante observado é a relação existente entre satisfação com o curso e a perspectiva de evasão. Os alunos que demonstraram estar mais satisfeitos são os que menos cogitaram a possibilidade de largar seus cursos, assim como são os que dizem estar mais satisfeitos com a sua qualidade de vida, e possuem maior otimismo em relação ao futuro. Dessa forma, pode-se observar uma ligação entre satisfação com a vida acadêmica e satisfação com a qualidade de vida no geral, que, ponto as relações de competitividade aqui verificadas, interferem na vida e bem-estar dos alunos da graduação. No que concerne ao uso de substâncias psicoativas, verificou-se nas entrevistas que os alunos já utilizaram pelo menos um tipo de substâncias psicoativa. Além disso, foi possível identificar diferentes meios e fins de uso pelos estudantes da graduação. Uma relação interessante observada que merece atenção foi que os cursos nos quais os alunos informavam ter maiores problemas de sociabilidade e uma menor satisfação em relação a desempenho foram os mesmos cursos onde identificou-se um uso mais recorrente de substâncias psicoativas.

Ao se referir aos padrões de uso de psicoativos, verificou-se que os alunos que se identificam como mais pressionados e estressados são também os que realizam um maior uso dessas substâncias. Nessa perspectiva, pode-se pensar, assim como argumenta Ehrenberg (2010) até que ponto dentro uma “cultura da conquista,” o uso de substâncias psicoativas – ou como ele se refere “drogas de socialização, integração, inserção” – aparecem como ferramentas para aliviar a carga e as responsabilidades individuais.

BEM-ESTAR NA UNIVERSIDADE:

As relações de sociabilidade também aparecem como um elemento importante no bem-estar dos alunos, tendo em vista que os alunos dos cursos que afirmam ter problemas de sociabilidade são alunos de cursos mais competitivos segundo a visão dos próprios alunos – no caso, os de média e baixa demanda. Nesse sentido, pode-se pensar, à guisa de conclusão, em investigar o porquê dos diferentes resultados obtidos nos cursos observados. É preocupante o quanto os alunos de determinados cursos se sentem insatisfeitos ou frustrados, e também o quanto é alto o nível de uso de psicotrópicos nesses cursos. Não obstante, é relevante buscar compreender quais são outros fatores que podem contribuir para o uso de substâncias psicotrópicas no meio universitário, tendo em vista que foi-se observado que não são apenas as relações de competição e demandas que influenciam no bem-estar dos alunos, como também questões financeiras, problemas familiares etc.

Por fim, o estudo aponta para a necessidade de explorar os dados de outras dimensões da vida, tais como: a satisfação nas relações sociais e espiritualidade; e religião e crenças pessoais. Apesar de aqui não abordados, são considerados como dois dos principais fatores que afetam o bem-estar subjetivo e a felicidade (LAYARD, 2006).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, L. (1987). Understanding and Managing Stress in the Academic World. **ERIC/CAPS Digest**. Ann Arbor, MI: The University of Michigan, ERIC. Clearinghouse on Counseling and Personal Services. ED 291017. Consultado em 10-Mar-2015

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. RJ, Edições 70, 1998

COLETA, J. A. D. ; COLETA, M. F. D. Felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico de estudantes universitários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 533-539, set./dez. 2006.

EHRENBERG, Alain. O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida: **Ideias e Letras**, 2010.

FREIRE FILHO, J. (Org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro, Ed. FGV, Pp. 49- 82, 2010.

GAULEJAC, V. de. Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. São Paulo: **Ideias e Letras**, p. 7-142, 2007.

GIANNETTI, E. F., **Felicidade**: diálogos sobre o bem-estar na civilização. Companhia das Letras, 2002.

GOODMAN, E. D. How to handle the stress of being a student. **Imprint**, v. 40, n. 2, p. 43, 1993.

LAYARD, R. **Happiness**: Lessons from a New Science. London, Penguin Books, 2006.

SCHWARZ, N. & STRACK, F. Reports of subjective well-being: Judgmental processes and their methodological implications. In D. Kahneman, E. Diener, & N. Schwarz (Eds.), **Well-being: The foundations of hedonic psychology** (61-84). New York: Russell-Sage, 1999.

Recebido em 27/01/2018

Aprovado em 26/03/2018